



## Mapeamento da mídia fronteiriça em Mato Grosso do Sul<sup>1</sup>

Daniela Cristiane Ota<sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande/MS

### Resumo

Ao estudar os conteúdos jornalísticos divulgados na mídia radiofônica em Mato Grosso do Sul observamos ainda escassez de pesquisas com relação à produção e distribuição do conteúdo midiático na imprensa fronteiriça. Nos relatos de estudo identificamos pesquisadores do Estado e de outras regiões do país, que trabalham com a análise de veículos fronteiriços específicos como rádio, televisão, impresso ou sites de notícias. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivos unificar informações, agregar pesquisas de diversos pesquisadores/grupos regionais que trabalham a fronteira e realizar um mapeamento que envolva todas as mídias fronteiriças sul-mato-grossenses. Dessa forma, poderíamos criar um banco de dados que possibilitará o aprofundamento dos conteúdos e o desenvolvimento de pesquisas integradas.

**Palavras-chave:** Mídia, fronteira, integração de pesquisas

No Brasil identificamos onze Estados que fazem divisa por meio de fronteiras terrestres com países da América do Sul. Esta característica coloca o país na terceira posição entre os países com maior número de países vizinhos, perdendo somente para a Rússia e a China. De acordo com o IBGE (2005) somente na região Norte do país, 98 municípios pertencem à faixa de fronteira na Federação, na região Sul são 403 municípios e na região Centro-Oeste, 44 municípios<sup>3</sup>.

Nas regiões limítrofes do Brasil podemos identificar em Estados como o Amazonas (que faz fronteira com a Colômbia), Paraná (fronteira com o Paraguai e Argentina), Rio Grande do Sul (fronteira com o Uruguai e Argentina) e Mato Grosso do Sul (fronteira com o Paraguai e Bolívia, exemplos ricos e amplos para estudo, uma vez que nestas regiões é possível identificar intercâmbios e a fronteira é espaço abstrato

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e-mail: [ota.msi@terra.com.br](mailto:ota.msi@terra.com.br)

<sup>3</sup> Região Norte – Rondônia (27 municípios), Acre (22 municípios), Amazonas (21 municípios), Roraima (15 municípios), Pará (5 municípios), Amapá (08 municípios). Região Sul – Paraná (139 municípios), Santa Catarina (82 municípios), Rio Grande do Sul (182 municípios). Região Centro-Oeste – Mato Grosso do Sul (44 municípios) e Mato Grosso (69 municípios).



devido à ausência de obstáculos físicos, a linha demarcatória praticamente não existe: são as chamadas fronteiras secas, a maior parte área aberta e desprotegida.

Mato Grosso do Sul representa bem a diversidade cultural brasileira, uma vez que faz fronteira com o Paraguai e a Bolívia e conta com forte representação indígena. São mais de mil quilômetros de fronteira, totalizando 849 quilômetros em cursos d'água e 730,8 quilômetros de fronteira seca. Essas divisas são verificadas nas regiões Sul, Sudoeste e Oeste, que possuem uma população de 2,078 milhões de habitantes e densidade demográfica de 5,8 hab/km<sup>2</sup>.

A faixa de fronteira também se caracteriza como uma região pouco povoada, apresentando densidade demográfica de 5,23 hab/km<sup>2</sup>. De acordo com dados do IBGE (2005), a população da faixa de fronteira urbana é de 695.430 habitantes, que representa 77,65% da população total do Estado.

Dez cidades compõem a divisa sul-mato-grossense. Corumbá e Ponta Porã representam pólos de integração e desenvolvimento nas regiões Sul e Oeste do Estado. Historicamente elas também contribuíram em muito para o crescimento regional, concentrando em determinados momentos a principal atividade comercial da região. Antônio João, Bela Vista, Caracol, Coronel Sapucaia, Mundo Novo, Paranhos, Porto Murtinho e Sete Quedas completam a composição da faixa seca da fronteira estadual.

Na pesquisa para o doutorado desenvolvida entre 2002 e 2006 pesquisamos as emissoras radiofônicas da fronteira sul-mato-grossense. Realizamos um levantamento nos municípios que compõem a faixa de fronteira seca, porém focamos a análise de conteúdo jornalístico em duas cidades específicas Ponta Porã e Corumbá. Em 2003, no desenvolvimento da pesquisa de campo nas cidades de Corumbá e Ponta Porã fizemos levantamento histórico da fronteira entre Brasil-Paraguai e entre Brasil-Bolívia. A etapa foi importante, pois permitiu verificar que relações cotidianas integradas ou fragmentadas começaram a ser construídas através da história consolidada ao longo dos tempos entre as comunidades. Depois realizamos o mapeamento das emissoras localizadas nos dez municípios que fazem fronteira direta com o Paraguai ou Bolívia, através de checagem dos dados com a Secretaria Estadual de Comunicação. No entanto, no período de março a agosto de 2004 durante a pesquisa *in loco*, quando percorremos as dez cidades descobrimos que o universo da amostragem era maior do que o previsto inicialmente. Várias localidades constavam na relação oficial do Estado como se não existisse nenhuma emissora radiofônica local. (Anexo I)



No mesmo período outro docente, professor Marcelo Câncio, também da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) defendeu a tese sobre televisão na fronteira sul-mato-grossense. Neste período mantivemos contato com pesquisadores de outras regiões do país que trabalham com fronteira, quase sempre com um determinado veículo. Em 2009 ingressou na UFMS um docente, Mario Luiz Fernandes, que trabalha com o mapeamento da mídia impressa do interior, nela incluindo a região fronteira de Mato Grosso do Sul.

A primeira identificação para um projeto de pesquisa que realize o mapeamento da mídia fronteira em Mato Grosso do Sul aconteceu em função de estudos estarem acontecendo de forma isolada e abordando apenas uma pequena amostragem dos municípios fronteiriços. Assim a identificação da mídia possibilitará a organização da produção existente.

Acreditamos também que ao integrar pesquisadores e pesquisas haverá a troca de informações e possível cooperação na implementação de novos estudos. Todos os pesquisadores que analisam a fronteira foram consultados e poderão participar de uma ou de todas as fases do projeto. Ou seja, poderá apenas ter o registro do projeto e a disponibilização dos dados em um ambiente integrado ou então participar das pesquisas integradas.

A idéia surgiu em um evento promovido pelo Sebrae/MS que reuniu jornalistas da fronteira. Foram convidados também alguns pesquisadores e durante a apresentação ficou claro que estudos estão sendo feitos, porém os dados com relação à mídia fronteira sul-mato-grossense estão dispersos. Muitos esforços foram feitos para consolidar dados que outros pesquisadores já detinham, assim como verificou-se a importância de trocar contatos e experiências. Entendemos que a região fronteira representa um espaço peculiar e diferenciado, pois significa um espaço de trocas constantes, cuja significação se dá através de uma construção coletiva.

### **Fronteira e significado social**

No latim, o vocábulo fronteira vem de “fronteria” ou “frontaria” e significa a parte do território que fica “in frente”, ou seja, nas margens. No entanto, conforme vamos observar, para a mídia existente nos municípios fronteiriços de Mato Grosso do Sul, a linha divisória entre os países, não passa necessariamente pela demarcação geopolítica, vai além, pois apresenta uma dimensão social, cultural e histórica. O



alemão Friedrich Ratzel foi um dos primeiros teóricos a propor de forma explícita uma geografia do homem, na qual faz referência à relação causal que se estabelece entre território e sociedade; através da publicação da obra *Antropogeografia* (1882).

Na concepção de território, tratamos o espaço geográfico a partir de uma perspectiva que privilegia o político ou a dominação-apropriação. Neste contexto, entendemos apropriação como um domínio, como uma visão diferenciada do poder sobre o território, sob os mais diferentes objetivos, muitas vezes de ordem cultural. Na vertente da Geografia, território foi definido a partir de relações de poder, com análise centrada na identidade nacional. Na obra de Ratzel, o território amplia a dimensão, pois é retratado como um espaço ocupado por determinada sociedade. Historicamente, a definição de território está associada à idéia de natureza e sociedade configuradas por um limite de extensão de poder em escala nacional, o Estado-nação.

Contemporaneamente, autores como Ianni (1997) e Santos (1995) falam que territórios são relações sociais projetadas no espaço. Para eles, a flexibilização do conceito permite tratar as territorialidades como expressão da coexistência de grupos, por vezes num espaço físico em tempos diferentes. O espaço geográfico ganha nova dimensão, onde as relações humanas e sociais são desvinculadas da dimensão natural do espaço, constituindo parte do tecido social.

Ao falarmos sobre o espaço geográfico nas relações humanas e sociais o resgate do conceito de lugar também é importante. Santos (1997) nos remete a uma reflexão da relação dos indivíduos como o mundo, quando diz que lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta por meio de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas. De acordo como Serres (1990) a relação que era local-local agora constitui-se em local-global. Para o autor, isso acontece, pois o lugar expressa relações de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas, relações verticais resultado do poder hegemônico, imbricadas com relações horizontais de coexistência e resistência.

Lopez García (1995, p. 12) aponta que a definição do local deve ser feita tomando-se como base a geografia, sem nos esquecermos do aspecto social. Assim o local é um espaço territorial singularizado, representado como “o lugar da mediação técnica onde também é possível a comunicação não mediatizada ou interpessoal”. Tétu (1997) diz que para definir o local é preciso observar três componentes: a proximidade, o pertencimento a um grupo social e a efetividade do pertencimento. Ou seja, a



discussão extrapola o território e se traduz no local onde acontecem os conflitos e os efeitos das decisões em desigualdade como o acesso a cultura, a saúde, transporte, educação, lazer, entre outros.

A articulação acima citada insere o local no interior da lógica da globalização e como cita Hall (2005) em vez que destruir as identidades nacionais, poderá produzir novas identificações globais e locais. Santos (1996, p. 252) relata que uma maior globalidade, corresponde a uma maior individualidade, fenômeno denominado como “glocalidade” por Benko *apud* Santos (1996, p. 6). O termo glocalidade foi também constituído pelo sociólogo Roland Robertson (1992) como um processo de interação entre o local e o global e vice-versa, uma mistura de globalização com características locais. O autor entende ainda que é no âmbito local que a cultura global hegemônica é refuncionalizada através de relações de assimilação e rejeição. Enquanto a ordem global é desterritorializada, separando o centro e a sede da ação e dependente de fatores externos, o local representa reterritorialização, agrupando em sua lógica interna elementos como indivíduos, empresas, instituições e formas sociais.

Ratificando a relação que se estabelece entre território e sociedade, para os teóricos, as fronteiras podem ser classificadas de acordo com a forma, função e natureza. Ratzel, Kjellén, Sieger, Brunhes, Vallaux, entre outros resumem a classificação em fronteira linha, cuja caracterização é meramente jurídica e nos remete a idéia de corte, descontinuidade; e a fronteira faixa onde ocorrem transições permanentes e interpenetrações das comunidades com relação a língua, religião, costumes, comércio, entre outros. Podemos ir além e classificar as fronteiras também com relação ao estado de evolução. Mattos (1990) diz que existem as fronteiras esboçadas, designadas por serem desabitadas ou com uma demarcação não precisa; fronteiras vivas ou de tensão, quando é possível se identificar confronto entre os interesses das populações vizinhas; e fronteiras mortas, consideradas áreas decadentes, onde não existem pressões.

Conforme Padrós (1994, p. 69) as fronteiras vivas, nas quais podemos identificar a região de Mato Grosso do Sul, são denominadas pela seguinte caracterização:

Permeáveis, caracterizadas por zonas isoladas e afastadas dos centros dinâmicos nacionais, com escasso e desigual desenvolvimento econômico com relação ao país, sem autonomia para tomar decisões locais, mas que têm recursos naturais pouco explorados e pouco conhecidos. Possuem deficientes vias de comunicação e acesso e estão próximas de áreas de países vizinhos de conformação humana e geográfica semelhantes.



Ainda segundo Padrós (2000), as fronteiras vivas manifestam uma integração informal que sobrevive às conjunturas políticas. O intercâmbio é constante nestas regiões o que nos leva a afirmar que o homem fronteiriço tem uma mentalidade própria à integração, pois para ele as noções de espaço e nacionalidade muitas vezes são tão abstratas quanto à idéia da existência de uma linha demarcatória que o separa do outro país. Como em um pacto firmado pela comunidade, apesar da fronteira se tornar fluída neste espaço de trocas constantes, é verificada a manutenção da nacionalidade de origem e em alguns casos as mesclas ocorrem mais no sentido da binacionalidade, ou seja, do pertencimento simultâneo e por direito a dois países, do que no sentido multicultural.

Isso se deve pois apesar de verificarmos tradições e práticas culturais distintas, mas relacionadas, no entanto, não podemos pensar na área como um território híbrido, mestiço e de formas múltiplas, onde conforme Pesavento (2002, p. 36), as representações que se constroem no cotidiano e na convivência, nos remetem “a vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores significados contidos de coisas, palavras, gestos, comportamentos e idéias”. Isto tudo poderia representar um ideal futuro a ser alcançado na fronteira sul-mato-grossense.

### **Produção jornalística na fronteira**

Atualmente é difícil compreendermos a vida dos grupos sociais sem os meios de comunicação de massa, os quais encontram-se presentes no cotidiano das pessoas. Rodrigues (1998, p. 15) diz que a ação dos *mass media*<sup>4</sup> para o homem moderno seria semelhante à função do mito para o homem antigo, já que à semelhança e a experiência do aleatório, integrariam representações fragmentadas da realidade num discurso organizado e explicativo do mundo. “A essa prosa do presente confia o homem moderno a função remitificadora de uma perspectiva unitária securizante perante a desintegração da identidade coletiva e de uma ordem identitária que lhe devolva uma imagem coerente do destino”.

---

<sup>4</sup> O termo meio de comunicação de massa refere-se aos veículos de divulgação “em massa” (em grande quantidade) que possibilitam a intermediação entre o indivíduo e o mundo através do relatos de acontecimentos. Essa mediação é possível, graças a capacidade de meios como o livro, jornais, revistas, rádio, televisão, internet de produzir, reproduzir e distribuir rapidamente texto, som e imagem a um número praticamente ilimitado de pessoas.



Nesse sentido, Mata (1993, p. 7) afirma que atualmente algumas empresas de comunicação já concebem que a comunicação não é “uma prática estritamente racional, mas sim na qual se põem em jogo os sentimentos, gostos, paixões da vida mesmo”. Desta forma, compartilhamos o entendimento de Moscovici (2003, p. 173) quando diz que as sociedades se despedaçam se houver apenas poder e interesses diversos que unam as pessoas. É importante que haja uma soma de idéias e valores em que as comunidades possam acreditar e se unir através de uma paixão comum, transmitida e adaptada de geração para geração. Ou seja, o que as sociedades pensam de seus modos de vida, os sentidos que conferem a suas instituições e as imagens que partilham, constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo seu.

Assim, falar sobre a influência dos meios de comunicação de massa no cotidiano das pessoas é expressá-la como um processo plural, transitório. A lógica da comunicação mediática é representada por aquilo que experimentamos culturalmente como próprio, em termos nacionais ou latino-americanos. Ou seja, atua como forma das relações sociais e dos espaços social, econômico e cultural, deixando de ser meramente um meio técnico para se consolidar em uma dimensão da sociabilidade atual. Rubim (1995) diz que os meios de comunicação de massa deixam de representar meros transmissores de dados e passam a colaborar na definição dos acontecimentos através das falas, do agendamento de assuntos e dos personagens que seleciona para repercutir os fatos. Ou seja, os meios de comunicação através dos discursos elaborados pelos jornalistas passam a compor o conhecimento cotidiano dos indivíduos com relação as realidades locais, regionais, nacionais ou internacionais.

Nesta perspectiva podemos nos questionar que tipo de papel cumpre os meios regionais e locais. Citando as funções clássicas da comunicação como informar, formar e entreter podemos dizer que devem assumir também a responsabilidade pelas trocas de informações que podem integrar, reintegrar ou desintegrar constantemente os membros da comunidade. Camponéz (2002) diz que essa função simbólica de informação é fundamental, pois é ela que agudiza o sentimento de pertença e estreita laços de identidade.

Dessa forma o autor chama nossa atenção dizendo que meios de comunicação que operam em nível local, inclusive os comunitários, conseguem maior credibilidade quando conseguem explorar as próprias dimensões do local. Dimensões essas categorizadas por Ortiz (1999) e Bourdin (2001) como de proximidade na expressão do





sentido de pertencimento explorando os vínculos existentes entre pessoas que partilham de um cotidiano comum e a singularidade retratando os aspectos ligados a sua história, língua, cultura, costumes, valores, entre outros. Aliado a esses fatores temos também a diversidade demonstrando as múltiplas diferenças e semelhanças do local e a familiaridade, constituída a partir das identidades e raízes históricas e culturais.

Atualmente, em virtude da quantidade de veículos e de informações disponíveis, as pessoas tendem a selecionar os meios com os quais mais se identificam ou lhe são mais acessíveis. Em comunidades interioranas, caso da fronteira sul-mato-grossense, devemos considerar o papel que a mídia local representa, tornando-se agente dos acontecimentos devido a sua proximidade com a população e com as instituições sociais onde está inserida. Neste contexto, a mídia configura-se também como uma construtora simbólica do conceito de fronteira em seus pontos de negociação e de tensão, tendo em vista a proximidade geográfica e a internacionalidade da vida local, representada pela vivência cotidiana das comunidades.

Na conceitualização de Camponez (2002) a proximidade pode ser geradora do que denominamos por comunidades de lugar. O conceito reporta-se a uma proximidade situada localmente, num espaço e num tempo territorialmente identificados, e surge em contraposição ao conceito de “comunidades sem lugar”, ligadas por interesses e valores comuns, mas que não têm por referência um território específico.

Com relação à imprensa local Camponez (2002, p.19) a define através das seguintes características:

[...] a sua forte territorialização, a territorialização dos seus públicos, a proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço, o conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local. [...] A imprensa local constrói-se nesse compromisso com a região e com as pessoas que a habitam.

Dessa forma, a imprensa local pode ser caracterizada como um recorte parcial de um espaço mais vasto; que pode resultar em um jornalismo de proximidade, comprometido com a região e a comunidade do entorno. Camponez (2002, p. 128) diz que na prática, o jornalismo de proximidade deve ser mais próximo dos cidadãos e os próprios meios locais, com relação ao conteúdo divulgado, devem privilegiar à reformulação discursiva da memória coletiva, as maneiras específicas de utilização da língua, as formas de contar histórias, à organização da informação. Na proposta do autor o conceito de proximidade resulta de uma geometria variável, cujo enfoque está em uma





“geometria da identidade, com tudo o que isso implica de criação e recriação, do que em uma identidade geográfica propriamente dita”.

Por tudo isso, mesmo a fronteira sul-mato-grossense apresentando um processo de produção da notícia singular, entendemos que a revitalização das mídias locais na conjuntura da globalização representa um processo significativo na manutenção das identidades locais e no reconhecimento da comunidade através de suas histórias, seus modos de falar e de seu cotidiano. O Brasil é um país de grandes dimensões territoriais e em cada região é possível encontrar uma rica e complexa diversidade cultural, política, econômica e social. Conforme dissemos os meios de comunicação de massa, através dos conteúdos jornalísticos e da programação de entretenimento retratam essas realidades diversas.

### **Referências Bibliográficas**

- BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CAMPONEZ, Carlos. *Jornalismo de proximidade*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.
- CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira – o Sul de Mato Grosso 1870-1920*. Campo Grande: UCDB, 1999.
- IANNI, Octavio. *Labirinto Latino Americano*. São Paulo: Vozes, 1997.
- IANNI, Octavio. Nacionalismo, regionalismo e globalismo. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. (Org.). *Globalização e Regionalização das Comunicações*. São Paulo: Educ, 1999.
- LOPEZ GARCIA, Xosé. Médios locais do futuro e com futuro. In: LEDO MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica e teoria de fronteiras: fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- MARTIN, André Roberto. *Fronteiras e Nações*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica e teoria de fronteiras: fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- MELO E SILVA, José. *Fronteiras guaranis – a trajetória da Nação cuja cultura dominou a fronteira Brasil-Paraguai* (2ed.). Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de MS, 2003.



MULLER, Karla. *Mídia e fronteira*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

PADRÓS, Enrique Serra. “Fronteiras e Integração Fronteiriça: Elementos para uma abordagem conceitual”. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais*. Vol. 17, nº 1/2, jan-fev. Porto Alegre, 1994.

PERUZZO, Cicília. *Mídia local, uma mídia de proximidade*. Comunicação: Veredas. São Paulo: Editora Unimar, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos: as 'teorias' do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Coimbra: Minerva, 2000.

TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo*. Lisboa – Portugal: Quimera Editores, 2002.

TÉTU, Jean-François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

WEINGARTNER, A. dos S. *Movimento divisionista no Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre: Edições Est, 1995.

## ANEXO I

**Tabela 01 - Emissoras dos municípios da fronteira de MS<sup>5</sup>**

Município	Emissora	Localização da sede	Frequência
Antônio João	Rádio Associação de Integração Comunitária Novos Tempos.	Antônio João (Brasil)	104,9 FM
Bela Vista	Rádio Bela Vista – A Voz do Apa	Bela Vista (Brasil)	1440 AM
	Rádio Frontera	Bella Vista (Paraguai)	94,0 FM
	Rádio Cidade	Bella Vista (Paraguai)	104,0 FM
Caracol	Associação Comunitária para o Desenvolvimento Artístico e Cultural (Codecol FM)	Caracol (Brasil)	87,9 FM

<sup>5</sup> Tabela montada a partir da pesquisa exploratória, onde foram percorridos os dez municípios de Mato Grosso do Sul, que fazem fronteira seca com o Paraguai ou Bolívia. As visitas tiveram início em julho de 2003 e aconteceram até maio de 2006.



Coronel Sapucaia	Rádio Metrópole	Capitán Bado (Paraguai)	103,5 FM
	Rádio Conquista	Capitán Bado (Paraguai)	90,5 FM
Corumbá	Rádio Difusora Matogrossense	Corumbá (Brasil)	1360 AM
	Rádio Clube de Corumbá	Corumbá (Brasil)	1410 AM
	Transamérica Hits	Corumbá (Brasil)	92,9 FM
	Bandeirantes (FM Cidade)	Corumbá (Brasil)	94,3 FM
	Comunitária Pantanal	Corumbá (Brasil)	87,9 FM
	FM Melodia	Puerto Quijarro (Bolívia)	96,3 FM
Mundo Novo	Rádio Canindeyú	Salto del Guayrá (Paraguai)	95,7 FM
	Rádio Mundo Novo	Mundo Novo (Brasil)	105,5 FM
Paranhos	Rádio Aparai	Ype Jhu (Paraguai)	74,1 FM
	Rádio Amizade	Ype Jhu (Paraguai)	106,3 FM
Ponta Porã	Rádio Ponta Porã (Transamérica)	Ponta Porã (Brasil)	1110 AM
	Super Fronteira	Ponta Porã (Brasil)	670 AM
	Nova FM	Ponta Porã (Brasil)	96,9 FM
	Rádio Amambay FM	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	100,5 FM
	Rádio MBurucúya	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	980 AM
	Cero Corá	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	91,5 FM



	Rádio Amambay AM	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	570 AM
	Rádio Frontera	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	98,5 FM
Porto Murtinho	Rádio Alto Paraguai	Islã Marguerita (Paraguai)	88,1 FM
Sete Quedas	Rádio Educadora	Pindoti (Paraguai)	91,3 FM